



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TAINÁ QUEIROZ DA CRUZ

**USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA INCENTIVO DA LEITURA NAS CLASSES
DE ALFABETIZAÇÃO**

Amargosa

2019

TAINÁ QUEIROZ DA CRUZ

**USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA INCENTIVO DA LEITURA NAS CLASSES
DE ALFABETIZAÇÃO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, apresentado à banca examinadora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, como obtenção do título Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª. Dra Karina de Oliveira Santos Cordeiro.

Amargosa- BA

2019

TAINÁ QUEIROZ DA CRUZ

**USO DOS GÊNEROS TEXTUAIS PARA INCENTIVO DA LEITURA NAS CLASSES
DE ALFABETIZAÇÃO**

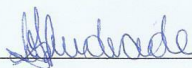
Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.

Aprovada em 22/02/2019

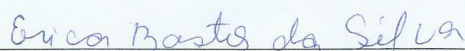
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dra Karina Oliveira Santos Cordeiro (Orientadora)
Doutora em Educação – UFBA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Prof. Dra Maria Eurácia Barreto de Andrade
Doutora em Educação - UA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Prof. Dra Erica Bastos da Silva
Doutora em Educação e Diversidade – UFBA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Amargosa-BA

2019

Dedico este trabalho as meninas, Carla
e Marilene por integrarem o grupo
motivacional que formamos no intuito de
fortalecer umas as outras e permanecerem
juntas na lida deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente e principalmente a Deus pelo dom da vida, proteção, iluminação, sabedoria e paciência.

À minha mãe Alda por ser a grande responsável pela minha formação pessoal, todo carinho e amparo. Por toda ajuda na minha formação acadêmica, pelo incentivo e força. E principalmente por nunca ter desistido de mim, apesar de todos os problemas que aconteceram ao longo dessa jornada. Obrigada pelas orações.

À minha avó Antônia por todas as orações, e ajuda que me proporcionou sempre.

Aos meus familiares e aos poucos amigos, por estarem sempre com energia positiva para comigo, por terem me compreendido nos momentos de ausência.

Ao meu namorado, por me fortalecer quando achei que não era capaz, e entender os meus momentos *off-line*.

Aos meus professores pelas contribuições, aos meus colegas pela troca de conhecimento e dor. Em especial a minha coordenadora Maria Eurácia que me suportou e me acolheu em todas as horas de desespero a procura de um orientador.

À professora Erica por aceitar fazer parte da banca examinadora.

À professora e orientadora Karina Cordeiro, por ter me aceitado aos quarenta e cinco do segundo tempo, por não ter permitido que eu desistisse, por toda assistência e orientação.

E a mim mesma por todo esforço e dedicação para conclusão desse trabalho.

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto”.

(Paulo Freire)

CRUZ, Tainá Queiroz. Uso dos gêneros textuais para incentivo da leitura nas classes de alfabetização. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Centro de Formação de Professores, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Amargosa, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema central a importância da leitura, e como os gêneros textuais podem ser aliados dos professores, para a prática e o incentivo da leitura, em classes de alfabetização, e tem como objetivo principal investigar as possibilidades de os professores contribuírem para que os alunos desenvolvam o hábito e o prazer pela leitura, em classes de alfabetização usando os gêneros textuais. No referencial teórico foram abordados os temas, importância da leitura e gêneros textuais. Busquei apoio nos estudos de Lerner (2002), Freire (1989), Coscarelli (2007) e Marcushi (2000). Quanto a metodologia trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, com pesquisa bibliográfica e como instrumento de coleta de informações ou dados, foi utilizado a revisão de literatura. Para isso foi realizada análise de sete trabalhos de conclusão de curso, disponíveis nos bancos didáticos das universidades públicas, dos cursos de Pedagogia e Letras. Dentre esses trabalhos encontramos monografias e artigos, sendo elas das três regiões do Brasil (Norte, Nordeste, e Centro-Oeste), publicados entre os anos de 2011 a 2017. Diante disso, este estudo ajudou a entender o quanto que a leitura é importante, para o processo de aprendizagem, pois é através dela que a escola forma cidadãos. Possibilitou também refletir que há possibilidades de os professores incentivarem os seus alunos a lerem, usando como ferramenta didática os gêneros textuais, sendo eles um grande apoio no processo de ensino aprendizagem no âmbito escolar. Vale salientar que esse tema é muito pertinente e amplo, abre ganchos para várias discussões, e para outras pesquisas, sendo essas importantes para adquirir conhecimentos.

Palavras-chave: Alfabetização. Leitura. Gêneros textuais.

ABSTRACT

This research is focused on the importance of reading, and how genres can be allies of teachers to practice and encouragement of reading, literacy classes, and aims to investigate the possibilities of teachers to contribute to students to develop the habit and enjoyment of reading, literacy classes using the genres. The theoretical framework was discussed the issues, importance of reading and textual genres. I sought support in studies of Lerner (2002), Freire (1989), Coscarelli (2007) Marcushi (2000). As a methodology it is a qualitative research, with literature and as a tool for gathering information or data, we used the literature review. For it seven work analysis was performed completion of course, available in didactic banks of public universities, Education and Literature courses. Among these works we find monographs and article, these being the three regions of Brazil (North, Northeast, and Midwest), published between the years 2011 to 2017. Thus, this study helped to understand how that reading is important to the learning process, because it is through her that the school form citizens capable of entering into society. Possible also reflect that there are opportunities for teachers to encourage their students to read, using as a teaching tool textual genres, namely a lot of support in the teaching and learning process in schools. It is worth noting that this topic is very relevant and broad, open hooks for various discussions, and other research.

Key words: Literacy. Reading. Textual genres.

LISTA DE SIGLAS

CFP – Centro de Formação de Professores

UFRB – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

RI - Recrutamento Interno

ECT – Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

LDP – Livro Didático de Português

TDIC - Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação

LISTA DE QUADROS

Quadro 01 - Diferença Entre Tipos Textuais e Gêneros Textuais.....	23
Quadro 02 - Trabalhos de Conclusão de Curso sobre Gêneros Textuais.....	30

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. LEITURA NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO: O TRABALHO PEDAGÓGICO CONTEXTUALIZADO	14
3. GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO	21
4. METODOLOGIA	26
4.1 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	27
4.2 TIPO DE PESQUISA.....	28
4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS.....	28
5. OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS DIVERSAS ABORDAGENS	30
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	56

1 INTRODUÇÃO

A leitura além de favorecer o aprendizado de conteúdos específicos, é um importante meio de conhecimentos. Ler não é só decodificar palavras, o leitor deve atentar-se a mensagem do texto, bem como seu contexto. Vale salientar que as leituras devem ser realizadas inicialmente a partir da realidade do leitor, porém esse leitor também precisa conhecer coisas novas, interessantes para ele, e que diz respeito a sua formação como sujeito. Nesse caso o professor pode fazer essa mediação entre o que será lido com o universo do aluno.

Para despertar maior interesse em pessoas que não tiveram o hábito de ler quando criança, a escola deve se atentar sobre a escolha dos livros ou dos textos. Os sujeitos que não se tornam leitores durante a sua formação podem ter dificuldade com a escrita, com a ampliação do vocabulário e com a interpretação do que está lendo, uma vez que, uma pessoa que lê desde pequeno poderá ter maior facilidade de compreender assuntos específicos, a sua escrita é melhor, além de um vocabulário ampliado.

A escolha do tema dessa pesquisa visa o fato de que muitas pessoas chegam a adolescência ou fase adulta sem interesse na leitura. O que poderia ser despertado ainda na tenra idade. Com textos, filmes que levassem ao desejo pelo ato de ler. Como exemplo o texto, cujo nome “Ler devia ser proibido” (Por Guiomar de Grammont, 1999). E também um filme “Escritores da liberdade” (2007), os quais chamam atenção e revalidam essa importância, o texto por ter uma linguagem irônica e o filme como inspiração de que a leitura traz mudanças na vida das pessoas. Dessa forma, a leitura vai muito mais além do que ler por ler, mas sim ler nas entrelinhas, saber discordar, criticar, entender, enfim. A leitura é algo imprescindível ao ser humano.

Visando o quanto a leitura é importante na âmbito escolar para formação do sujeito, o professor deve utilizar de diversas estratégias para que a leitura se torne mais prazerosa. Até porque cada criança tem uma realidade diferente, cada uma tem seu tempo de aprendizagem, e suas especificidades. Dessa forma sabe-se que existe uma diversidade de textos que podem ser utilizados.

Este trabalho discute a importância da leitura para o desenvolvimento, aprendizado e alfabetização das crianças, tendo em vista o que a escola pode contribuir

para que haja a formação do leitor. Formação essa que deve ir para além dos muros da escola. E ainda assim a diversidade de textos, nos quais o professor pode se apoiar para que dessa forma possibilite aos seus alunos um aprendizado de forma mais atrativa, já que essa diversidade pode ser encontrada no seu dia a dia. A criança que lê descobre um novo mundo, uma heterogeneidade de coisas, muitas vezes ainda desconhecidas. E com essa contribuição da escola, o aluno terá a leitura como prazer e não ler por obrigação, somente para ser avaliado.

Nesse sentido cabe ao professor ser um dos incentivadores da leitura, e fazer com que essas crianças criem esse hábito e faça da leitura um meio de adquirir novos conhecimentos. Pois é uma das funções do professor ser mediador nesse processo de conhecimento e aprendizado.

As pessoas não leem por falta de oportunidade, de dinheiro, de incentivo e de valorização da leitura para uma formação crítica sobre o seu lugar no mundo. Desse modo, percebe-se que não é interessante para os governantes ter pessoas conhecedoras de seus direitos, e com essa ausência de uma formação emancipadora. E por vezes as desigualdades sociais que acontecem na sociedade refletem também na escola. Nesse sentido, a escola deve ser o lugar onde os alunos possam refletir sobre o que acontece fora dela, e buscar através da leitura conhecimentos, para que assim, compreendam o que ocorre e não deixem ser manipulados.

Pensando nisso, o professor pode apoiar-se em diversos gêneros textuais, para que assim consiga, contagiar a todos, ou pelo menos uma grande parte de sua classe. Pois sabe-se que cada aluno tem gostos diferentes um do outro, e usando da diversidade de textos há uma possibilidade, de o aluno se encontrar nas leituras, conseguindo associar com sua realidade. A pesquisa procurou responder a seguinte pergunta: Como os gêneros textuais podem ser aliado dos professores, para a prática e o incentivo da leitura, em classes de alfabetização? Conforme apresentada a pergunta norteadora desta pesquisa o intuito é expor a importância de refletir com o educando que o hábito de ler, é importante para seu conhecimento sobre o mundo e seu lugar no mundo . Por trás disso destacar como o professor pode colaborar para essa aquisição da leitura, para que o educando seja inserido na sociedade em seu atual contexto.

Nesse sentido, para responder a pergunta norteadora da pesquisa, foi preciso fazer uma levantamento de materiais, sendo esses trabalhos de conclusão de curso já apresentados, que discutem sobre gêneros textuais. Apresento, como objetivo geral a proposição de investigar as possibilidades de os professores contribuírem para que os

alunos desenvolvam o hábito e o prazer pela leitura, em classes de alfabetização usando os gêneros textuais. Além disso, os objetivos específicos foram: enfatizar as práticas de leituras dentro da escola utilizados nos respectivos trabalhos de conclusão de curso; conhecer as estratégias didáticas utilizadas em algumas pesquisas acadêmicas que podem ser utilizadas pelo professor no trabalho com a leitura; conhecer a função dos gêneros textuais para o incentivo a leitura dos alunos das classes de alfabetização.

Portanto, para fundamentar esse trabalho foram utilizados seguintes teóricos, Lerner (2002), Freire (1989), Coscarelli (2007) e Marcushi (2000). Depois de fazer algumas leituras dos teóricos citados acima, foi possível identificar que a leitura é importante dentro do contexto escolar para ampliação dos saberes. A pesquisa foi realizada inicialmente por meio de pesquisa bibliográfica sobre a importância da leitura nas classes de alfabetização, por meio de leitura e fichamento dos textos. Utilizando o método qualitativo e a revisão de literatura como instrumento de coleta de dados.

A mesma foi estruturada em cinco capítulos. O primeiro denominamos de introdução, estando assim de forma resumida a justificativa, problema de pesquisa, objetivos, geral e específicos, autores estudados. O Segundo capítulo intitulado como: Leitura nas classes de alfabetização: o trabalho pedagógico contextualizado, que se discute a importância da leitura e a formação do leitor. O terceiro capítulo: Gêneros textuais e ensino, discute sobre a importância de se trabalhar os gêneros textuais na sala de aula. O quarto é a metodologia que apresenta os caminhos metodológicos desse estudo. E o quinto capítulo intitulado, os gêneros textuais nas diversas abordagens, constitui numa revisão de literatura baseada nas análises de sete trabalhos de conclusão de curso, do ano de 2011 até 2017, que abordam o tema leitura e gêneros textuais nas classes de alfabetização e Anos Iniciais. Esses trabalhos encontram-se disponíveis nos bancos de dados de suas respectivas universidades e subsidiaram ao questionamento da pesquisa. Dentre esses trabalhos tem-se artigo, monografia de graduação e monografia de especialização, sendo de três regiões diferentes (Norte, Nordeste, e Centro-oeste). Esses trabalhos vêm trazendo uma série de reflexões acerca do tema gêneros textuais. Conclui-se a pesquisa com as considerações finais, mesmo sabendo que não se encerra por aqui, pois uma pesquisa sempre abre portas para outras discussões.

Através dessa pesquisa espera-se contribuir no sentido de perceber a viabilidade desse estudo em práticas pedagógicas. Procurando entender como o tema dessa pesquisa tem sido abordado em outras universidades, possibilitando o aprendizado dos alunos, pelas diversas formas de ler. Pois a leitura é de fundamental importância para o desenvolvimento intelectual da criança. É uma porta aberta para um mundo de descobertas sem fim.

2 LEITURA NAS CLASSES DE ALFABETIZAÇÃO: o trabalho pedagógico contextualizado

É muito preocupante ver que há algumas crianças que estão na Educação Fundamental ainda não sabem ler. E se não sabem ler, logo, possivelmente, não sabem escrever, e assim poderá ter também uma certa dificuldade na comunicação no seu dia-a-dia, e no seu aprendizado, pois a habilidade da leitura torna-se imprescindível, para o seu aprendizado e diariamente em seu contexto social. Saber ler pode proporcionar ao indivíduo a possibilidade de viver com mais autonomia na sociedade. Essa preocupação é importante discutir no âmbito educacional, pois a leitura é um dos instrumentos básicos e de grande relevância para se constituir como sujeito. Discutir o por que isso acontece, e procurar identificar onde está o problema se torna fundamental para implementar ações práticas que proporcione a autonomia desses sujeitos a partir do processo de letramento e alfabetização.

Segundo Paulo Freire (2008), a leitura de mundo vem antes da leitura da palavra. A leitura de mundo se faz necessária para a partir daí compreender a importância do ato de ler a palavra e de escrever. E essa leitura de mundo não pode ser deixada de lado, pois ela se faz através das vivências da infância, de uma leitura de sua realidade em que está inserida. Ela se dá em tudo aquilo que a criança percebe ao seu redor e entre as relações com seus familiares, não precisa excluí-la. Pelo contrário é fundamental que os professores façam uma integração, procurar saber os conhecimentos prévios de seus alunos, até porque com essa leitura eles trazem forma de falar, gestos, valores, crenças que fazem parte do seu mundo. É preciso trabalhar com sua realidade pois o professor deve reconhecer que não é o detentor de todo saber, que as bagagens que seus alunos trazem são de grande importância. Dessa forma quando se parte para a leitura da palavra não quer dizer que se esquece toda essa leitura de mundo, elas caminham juntas.

As leituras das palavras na escola devem ser atrativas para as crianças, de modo que elas possam se enxergar nas leituras, se identificar com algum personagem e fazer uma reflexão sobre o que está sendo lido para poder fazer relação ou não com a sua realidade. Logo, é viável usar materiais que chamem a atenção dos alunos e despertem sua curiosidade, assuntos que sejam de sua realidade mas também assuntos que eles precisam saber. Quando se ler para uma criança, são desenvolvidas muitas

habilidades, como raciocínio lógico, amplia o vocabulário, a criticidade e a formação de opinião. A disponibilidade de material interessante que faça sentido para o aluno e a orientação de um leitor mais experiente e compreensivo como guia. Ou seja, esses requisitos são muito importantes para que os alunos aprendam a ler de forma correta, e que tenham acesso aos materiais certos. As leituras não devem ser apenas para responder questionários. Faz-se necessário que as leituras não sejam para decorar, mas sim para entender. Segundo Freire (2008, p. 17), “Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda”. Ou seja, a leitura de um livro por exemplo, se for ler apenas para responder questões, ou levar ao pé da letra tudo o que está escrito não quer dizer que haverá um entendimento. Daí o ato de ler irá implicar na interpretação do que está escrito. Assim o mais importante não é a quantidade que se ler, mas a qualidade da leitura, e sua compreensão.

E nesse processo é importante que o professor valorize as especificidades dos seus alunos e com isso usem métodos que façam parte do contexto da realidade deles para tornar a alfabetização um processo eficiente. Como o próprio autor afirma, “Do ponto de vista crítico, é tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político”. (FREIRE, 2008, p. 23). Então, não se pensa em educação sem pensar em poder. Quando se fala que educar é um ato político, o professor não é um agente neutro, assim como todos, tem suas ideologias, porém ele não tem direito de manipular seus alunos. O papel do professor é esclarecer, mostrar para seus alunos, de forma que suas práticas sejam coerentes com sua opção ou ideologia política. É importante também que os professores ouçam seus alunos, mas que ouçam na perspectiva de escutá-los como forma do direito que os alunos têm de falar, seja ele de que série for.

Em áreas cuja cultura tem memória preponderante oral e não há nenhum projeto de transformação infra estrutural em andamento, o problema que se coloca não é o da leitura da palavra, mas o de uma leitura mais rigorosa do mundo, que sempre precede a leitura da palavra. (FREIRE, 2008, p. 31)

Nesse sentido, vem a necessidade de se ter uma biblioteca popular, no contexto de estímulo para que a classe popular escrevessem seus próprios textos, criando um acervo de histórias. Fazendo com que eles participem da sociedade, contando suas histórias, que muitas vezes não são encontradas nos livros já expostos na biblioteca. Mas que essa seja uma biblioteca diferente, onde não fiquem livros nas estantes

apenas, mas de leitura, leitura de verdade, buscando entender não só o texto, mas seu contexto. Um governo para quem a “leitura” do concreto, o desvelamento do mundo não são um direito do povo, que, por isso mesmo, deve ficar reduzido à leitura mecânica da palavra. (FREIRE, 2008, p. 38) Assim, Freire 2008, traz o esforço que vem sendo feito em São Tomé e Príncipe na prática de alfabetização. Sabe-se que não é fácil, fazer essa relação entre a leitura da palavra e a realidade. Lá é usado como base Os Cadernos de Cultura Popular, nesses livros tem histórias populares, ele acaba elogiando o governo pelo fato de que eles tinham a preocupação de que os alunos aprendessem a “pensar certo”, isso significa que os alunos tinham que buscar respostas aprofundadas, questionarem, provocar o pensamento. E a avaliação era feita e forma prática, eram comparadas as práticas de quando se iniciou e as quais mudanças tiveram ao longo do tempo. Ler não deve ser só ver as letras e juntá-las para formar palavras, mas saber o que está lendo, entender para que está lendo. A leitura é uma prática para aprender não só para trocar mensagens, mas para se encontrar como sujeito no mundo.

Uma das funções sociais da escola é ensinar as crianças ler e escrever, não apenas como uma função de decodificação, pois a alfabetização não é só isso, deve-se levar em conta a importância do uso da leitura e da escrita como uma função social. Sim, as crianças precisam ser avaliadas, pois é uma responsabilidade social da escola, porém a alfabetização tem como finalidade inserir o aluno na cultura de leitura e escrita. Neste sentido (LERNER, 2002, p. 17) afirma que “O necessário é fazer da escola uma comunidade de leitores”. No entanto é preciso reconceitualizar o objeto de ensino, ao invés de ensinar a criança a ler e escrever de forma mecânica, é interessante inserir o aluno na sociedade através da alfabetização.

A escola deve ter um certo cuidado ao selecionar os materiais de leitura, priorizar as práticas de leitura e escrita, que a leitura seja uma conquista, que possam compreender o que estão fazendo em todo momento. Pois para o autor, se não for possível compreender não faz sentido para a criança, portanto, tende a ser ignorado. Como acontece também na universidade, quando um texto é de difícil compreensão e não há também um suporte, para o devido entendimento provavelmente será um texto descartado. A escola deve trabalhar sobre a importância da leitura e subsidiar o acesso, como prática social de uma forma que o alunos possam usar os textos como referência. Não que o aluno faça uma leitura mecânica, mas que ele consiga visualizar nos textos respostas para seus questionamentos, base para fundamentar seus

pensamentos e compreender melhor as coisas que acontecem ao seu redor. Sabe-se que conhecimento é algo caro, que vai de contra ao interesse do sistema, esse acesso é destinado as pessoas que tem mais oportunidades e dinheiro.

Assim, como afirma (LERNER , 2002, p. 19), “Por outro lado, trate-se de práticas sociais que historicamente foram, e de certo modo continuam sendo, patrimônio de certos grupos sociais mais que de outros”. Logo, quando uma pessoa tem acesso a livros desde pequeno, esse contato gera uma aproximação pela leitura, quando além disso, há também um incentivo para ler, torna-se uma leitura prazerosa. Com isso, a escola sozinha não conseguirá super avanços, mas estará cumprindo sua função social. Como afirma Lerner.

(...) tentar que um pássaro aceite posar como modelo, que detenha seu vôo sem perder sua liberdade; tentar que a escola levante vôo, que produza transformações substanciais sem perder sua especificidade institucional, sem renunciar a sua função ensinante. (LERNER , 2002, p. 27)

Para que haja mudança no ensino de leitura e escrita, a escola precisa propor alternativas para poder possibilitar aos alunos uma aprendizagem importante. Dessa forma, deve deixar as atividades mecânicas e se aprofundar em formar alunos autônomos, capazes discernir em qual leitura ele deve se debruçar para buscar sentido ao que lhe falta e assim escrever de forma produtiva e não como copistas. E desse jeito, já preparar as crianças para que elas consigam interpretar e produzir diferentes tipos de textos, não só como quesito de avaliação. Mas que elas leiam e consigam interpretar fazendo relações com suas vivências, ou viajar com o livro se envolvendo com os personagens, mas que também elas tenham uma percepção de não gostar do que está lendo. E que elas escrevam colocando em prática os seus próprios pensamentos e não os pensamentos de terceiros. Essas mudanças não se diz respeito somente na formação adequada dos professores, é preciso conhecer a realidade da escola, assim como o seu pensamento pedagógico. Para que assim possam buscar instrumentos para que as crianças que estão inseridas nessa instituição se empoderem da leitura e da escrita. O que acontece é que por vezes na escola se faz leituras de realidades distantes das dos alunos ali inseridos. Nesse sentido, Andrade (2015) diz que:

Os problemas da alfabetização resumiam-se a busca dos meios e caminhos mais eficazes para aprender a ler e escrever, fruto de uma escola entralizada

no ensino e que desconhecia o processo de aprendizagem. Contudo, as práticas pedagógicas evoluem em função das necessidades sociais, fruto do avanço do conhecimento acumulado na área da leitura e produção escrita, bem como seu processo de aquisição. (ESTRELA; ANDRADE, 2015, p. 36)

Um trabalho onde o processo de ensino aprendizagem precisa ser levado em conta uma vez que seja coerente com a alfabetização. Cabe ao docente ser um professor orientador, de forma que possibilite a criança progredir, respeitando assim o seu tempo e sua forma de aprender. Vale ressaltar também a importância do apoio da escola à esses esforços.

A “cláusula” referente a interpretação de textos parece estabelecer – conforme nos sugerem as observações de Rockwell - que o direito de decidir sobre a validade da interpretação é privativo do professor. (LERNER, 2002, p. 37). O contrato didático diz que: a compreensão do aluno depende do comportamento do professor. Que a relação de superioridade do professor para com o aluno implica no seu aprendizado sobre leitura e escrita. Pois nesse caso, o aluno deve perceber aquilo que o professor deseja, e não suas próprias conclusões, sobre um texto que o próprio professor escolhe para o aluno ler. Mas se a escola quer formar alunos que consigam escolher textos para fins de entender os seus meios sociais, que participem da escrita como produção, esse contrato didático vai de contra o objetivo da escola. A escola deve também ter bastante cuidado ao elaborar novos documentos curriculares, pois tem que levar em consideração a identidade da instituição.

Olhando de fora, a tarefa de selecionar conteúdos parece consistir simplesmente em escolher entre saberes preexistentes – já elaborados pelas diferentes ciências que se ocupam deles. (LERNER, 2002 - p. 55). Essas escolhas não podem ser feitas de qualquer jeito, elas tem que estar de acordo com a proposta educacional. Quem planeja esses documentos deve ter um pensamento de dar as possibilidades da prática de leitura e escrita, já que o objetivo da escola é formar esses alunos, atuantes da leitura e da escrita.

Há uma diversidade literária disponível, então se faz necessário que os alunos, sejam eles de qualquer grupo social, tenham acesso a todos os tipos de texto, que esse material não tenha que pertencer a apenas um grupo mas que seja patrimônio de todos. Deve haver uma leitura intensa, de uma forma significativa, onde os alunos se apoderem do que foi lido, podendo levar para uma discussão, colocar em evidência o seu ponto de vista e assim usar a leitura como um mecanismo de fonte de conhecimentos.

Precisa-se de um equilíbrio entre ensinar e controlar. Pois a escola precisa ter um controle sobre o ensino mas também tem que inserir o aluno em práticas sociais. A escola precisa educar. Logo para que seja possível ler na escola é interessante que haja uma mudança no que se diz respeito a a crença como diria Piaget *apud* Lerner

(...) que o funcionamento cognitivo das crianças é totalmente diferente do dos adultos: enquanto estes aprendem apenas o que lhes é significativo, as crianças poderiam aprender tudo aquilo que ensinassem a elas, independentemente de que possam ou não lhe atribuir em sentido. (PIAGET *apud* LERNER , 2002 - p. 76)

Portanto, basta que lhe ensinem o que acham conveniente, mesmo que não seja significativo para as crianças, mas que facilitem o controle da aprendizagem. Para que haja uma mudança no âmbito da aprendizagem é preciso tentativas e reflexões profundas sobre o que seja melhor para todo. E, (LERNER , 2002 - p. 79), traz que “Para que a leitura como objeto de ensino não se afaste demasiado da prática social que se quer comunicar, é imprescindível “representar” – ou “reapresentar” - , na escola, os diversos usos que ela tem na vida social. Ou seja, é preciso ensinar a leitura, que já é um objeto de ensino da escola, mas que essa leitura passe a ser também um objeto de aprendizagem, em que os conteúdos ensinados sejam relevantes para que os alunos utilizem fora do contexto escolar.

Quando há como proposta, uma atividade de interpretação de texto, já ali exposta por escrito, a criança não se atenta a ler o texto para buscar entender e sim para apenas responder. Ou até leem as perguntas antes do próprio texto. Nesse sentido (LERNER , 2002 - p. 84), afirma que “Quando as crianças deverão responder por escrito à pergunta representada, decide-se tomar notas, durante a leitura, dos aspectos que sejam relevantes para elaborar”.

A boa leitura advém de um exercício, nem sempre será um prazer ler, tem leitura que de fato não é prazerosa, porém é necessário ler. Por isso, faz-se necessário criar estímulos para que nasçam nos alunos o hábito da leitura. Os projetos são interessantes, pois com essa relação em grupo e as discussões de pontos de vistas diferentes é importante para o aprendizado das crianças, porém segundo a autora, “trabalhar com projetos não é suficiente para instaurar uma relação tempo-saber que leve em conta o tempo da aprendizagem e preserve o sentido do objeto de ensino.” (LERNER, 2002, p. 20). Nesse caso, é sim interessante criar projetos e inserir os alunos, mas sabendo que só isso não basta.

É preciso acompanhá-los e está ciente de quem mesmo que estejam em grupo cada um tem um tempo de aprendizagem diferente. Daí nasce uma nova forma de avaliar, pois com base nas discussões do grupo, onde todos terão oportunidade de expor seu ponto de vista sobre o que entendeu e até o que não entendeu, o professor pode através desse acompanhamento, avaliar seus alunos de um forma mais didática, levantando questionamentos, fazendo relações e nesse processo tirar suas conclusões. Sabe-se que o professor ele é referência para os alunos, as suas atitudes dentro da sala de aula, são levadas a sério pelos alunos. Como que esse professor vai estimular o gosto e prazer da leitura em seus alunos? Para responder essa pergunta (LERNER , 2002 - p. 95), fala que “A leitura do professor é de particular importância na primeira etapa da escolaridade, quando as crianças ainda não leem eficazmente por si mesmas”. Por isso, não basta só falar da importância, é preciso mostrar que é importante, desse modo ele irá possibilitar que seus alunos tenham oportunidade de participar.

Nesse sentido apresentar a leitura como uma atividade livre de avaliações condensadas, levará os alunos a sentir o que a leitura lhe proporciona, sem preocupações. Desse modo, é preciso construir atividades elaboradas de interpretação, mas interpretação que proporcione aos alunos a pensar e entenderem o que leram, que façam eles pensarem para buscar respostas. É necessário que o professor assuma esse papel de leitor para mostrar aos seus alunos que é importante. Para isso, o professor tem que se apropriar de sua sala de aula e analisar as realidade dos seus alunos e suas especificidades, para desse modo buscar leituras atrativas para seu público de alunos. Os livros tem o poder do despertar pela sua narrativa e também de nomear e identificar informações do mundo real. Quando a leitura é um hábito da rotina da criança, traz benefícios de curto e de longo prazo.

3 GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO

Ao pensar sobre as possibilidades dos professores contribuírem para que seus alunos tenham gosto e prazer pela leitura, pode-se pensar sobre qual seria alguma dessas possibilidades, sobre que tipo de texto os professores leem na sala de aula. Será que só se apoia em apenas um gênero textual? Mesmo sabendo que, como diz LERNER (2002) há uma diversidade literária, que pode ser diversificada na sala de aula, servindo assim de apoio para o professor. E também é importante saber em qual momento de sua aula é feita a leitura? Em que espaço? Se preocupar se os alunos estão gostando? E será que há leitura?

Dessa forma a utilização dos diversos gêneros textuais pode ser uma possibilidade para desenvolver hábitos de leitura. É preciso considerar que cada um tem gostos diferentes dos outros, nesse caso é viável usar a diversidade de textos que se tem disponível, para que dessa forma todos ou boa parte dos seus alunos possam ser tocados pelo que a leitura representa de acordo com a realidade deles.

É importante que as crianças tenham na escola um ensino mais vasto no que se diz respeito a leitura. Podendo assim passear pelos diversos gêneros textuais. (MARCUSHI, 2000 – p. 19) traz que os gêneros textuais têm uma contribuição diária que ordena e estabiliza a comunicação, e que historicamente e social, são bastante ligados a cultura.

Com isso, entende-se que texto não é só o que está escrito, mas sim toda e qualquer sentença que possua uma comunicação. Por isso é muito importante que os diversos gêneros textuais sejam usados como incentivo da leitura, já que é tão importante reconhecer a realidade dos alunos para poder inseri-lo no espaço escolar. Mas o que são gêneros textuais?

Os gêneros textuais não tem uma definição de imediato, pois “pode ter uma certa propriedade e ainda continuar sendo aquele gênero” (MARCUSHI, 2000 – p. 30). Diferente do que se espera, não tem uma definição e não possui um formato para ser seguido. É como se vários textos fizessem parte do mesmo gênero, mas nem todos são usados como exemplo do determinado gênero. Como por exemplo os poemas, existem variados tipos de poemas, de diferentes formatos e todos são poemas, independente de sua forma.

Para que os professores possam usar os gêneros textuais nas salas de aula como possibilidade para que os alunos se interessem pela leitura, é preciso conhecer se familiarizar com essa diversidade de gêneros que existem. Daí o hibridismo rompe com os padrões dos gêneros. Nesse formato, não se tem mais apenas a gramática no foco da matéria de Português. Agora a ideia é ensinar a ler e a escrever, para formar os estudantes bons leitores e bons escritores. Nesse inclui-se os gêneros textuais.

Não podemos entender que agora vamos ensinar nossos alunos a ler e produzir diferentes gêneros textuais fora de qualquer situação comunicativa. Gênero não deve ser matéria a ser dada ou conteúdo a ser cumprido. Nossos alunos não precisam ficar classificando textos em gêneros nem saber de cor as características de todos os gêneros textuais – isso nem seria possível, dada a quantidade imensa de gêneros textuais existente e a grande variação que há em cada gênero. (COSCARELLI, 2007 – p. 81)

Com isso o que se espera do trabalho com os gêneros textuais na sala de aula, é trazer o contexto em que o texto foi escrito, saber quem escreveu e para quem escreveu, e qual o objetivo de ter escrito determinado texto. É ler e interpretar para compreender. Para que assim os gêneros textuais possam trazer contribuição para ajudar o professor nesse processo de possibilitar seus alunos a serem leitores e escritores bons.

Segundo Coscarelli (2007), os gêneros textuais tem uma função, e é essa função que faz com que o texto continue sendo comunicativo, mesmo no contexto escolar. Quem escreve um texto, escreve com uma função, uma intenção, que devem ser despertadas no leitor a reação desejada, seja de chorar, rir, compadecer, ou de se informar. Com isso, os gêneros textuais não precisam ter uma estrutura, pois são mutáveis. Não é preciso que se atente as formas ou estruturas dos texto, mas qual a função que aquele texto tem. Se o professor faz isso, a aula de português que não se apoia mais na tradicional gramática, continuará sendo a mesma, não possibilitando assim que sua aula seja mais prazerosa e renda melhorias no que diz respeito a esse processo de ensino e aprendizagem, principalmente no âmbito da leitura para interpretação. É preciso que o professor também conheça e se familiarize com os gêneros textuais, que assim como qualquer outro assunto, se o professor não conhece não tem como passar a diante. Não é necessário que o aluno saiba escrever como escreve uma instrução de uso, mas ele precisará ler isso em alguma situação.

A ideia não é que os alunos reproduzam, nem sigam uma estrutura ou forma como se fosse uma coisa fixa, o que não é. O necessário é que eles produzam. É

preciso colocar em questão que não é preciso que o aluno escreva como os grandes escritores, claro que tem alunos que sabem sim escrever com grande propriedade ou podem se tornar grandes escritores, mas o que eles realmente precisam é saber ler e saber escrever, pois precisam usar disso para além de testes e avaliações escolares, é preciso ter em mente que os alunos não vão ficar na escola para sempre, eles devem usar do que aprendeu na escola para se relacionar fora dela também.

O aluno precisa produzir textos, e nessa produção entender para quem está escrevendo, e com qual intenção. Escrever um texto com um objetivo, para além de uma avaliação, claro, ele tem que ser avaliado, mas não se faz necessário produções somente para obtenção de notas, mas, para aprender e se comunicar, pois o texto não precisa ser escrito, se constitui uma comunicação, também é texto. Como uma conversa. Desse modo, para entender melhor a diferença entre tipos textuais e gêneros textuais veja o quadro a seguir, se apoiando no que diz o MARCUSHI, 2000:

Quadro 01

Diferença Entre Tipos Textuais e Gêneros Textuais	
TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
Designa uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas).	Refere-se aos textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que representam características sócio-comunicativas.
No geral abrangem as categorias: (narração, argumentação, exposição, descrição, injunção).	Alguns exemplos: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita, culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instrução de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e muitos outros.

Fonte: Marcushi, 2000.

Segundo o autor, houve surgimento de novos gêneros textuais, baseado nas novas tecnologias principalmente na área da comunicação. Podem aparecer novos gêneros decorrente das necessidades da sociedade. Como os gêneros chamados de emergentes, esses podem ser levados para sala de aula, pois se há um avanço da tecnologia, é pertinente que os alunos tenham acesso a essas plataformas.

Sabe-se que as novas tecnologias são muito presentes do dia a dia, com isso há uma maior intensidade no fluxo dos gêneros textuais como comunicações diárias. Isso não quer dizer que são inovações de grande porte, mas uma amarração dos gêneros já existentes, ou seja, alguns foram adaptados conforme as tecnologias existentes, criando assim novas possibilidades de acordo com o aumento da diversidade de gêneros textuais.

Visto que os gêneros textuais são textos que se encontram materializados na vida diária e que representam características sócio-comunicativas e culturais. Os (que são os Parâmetros Curriculares Nacionais) PCN's afirmam que:

Língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender-la é aprender não somente palavras e saber combina-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1998, p. 20)

Com isso percebe-se que é preciso entender o que se ler de acordo com a sua cultura, para poder saber interpretar a sua realidade e a do mundo em que vivem. Desenvolvendo assim seu senso crítico com situações do dia a dia do uso da língua.

Com base em tudo o que já foi escrito sabe-se que os alunos têm gostos individuais e diferentes. Então, quando o professor oportuniza diferentes gêneros textuais, cada aluno irá gostar de um texto específico, daí haverá o interesse pela leitura, o aprendizado fica mais prazeroso. Quando o professor nota que essa diversidade de texto atrai os alunos para essa funcionalidade, então ele também terá mais prazer em ensinar. Haverá aí uma troca de conhecimentos, ideias, aprendizado.

De acordo com essa diversidade textual dos gêneros textuais, a realidade dos alunos podem ser retratadas nelas, assim como a vivência da sua infância. Se deparando com essa variedade o aluno conseguirá escolher o texto para utilizar a comunicação que se adequa a qualquer situação que ele vivencie.

Com isso, a diversidade de textos e os gêneros textuais permite realizar um trabalho mais diversificado em sala de aula, levando em conta a participação dos alunos e a apropriação deles no processo de ensino aprendizagem. Pois essa diversidade traz diferentes contextos os quais são da realidade dos alunos, o que facilita seu contato com a leitura, já que os assuntos que os aproximam da sua realidade chama mais atenção, e a partir disso a curiosidade os levam a procurar por novas respostas, pois a cada conhecimento surge um novo questionamento.

4 METODOLOGIA

Este capítulo discorre sobre os métodos de pesquisa utilizados para realização deste trabalho monográfico. Para realizar uma pesquisa é preciso que se tenha alguns critérios, para poder a partir daí atingir os objetivos assim estipulados. Por isso é preciso escolher uma metodologia, para ser executada na pesquisa. A metodologia serve para mostrar como a pesquisa foi realizada. Segundo Libâneo (2004) metodologia é o caminho para atingir um fim. Ou seja, é o passo a passo da pesquisa, ela vem descrever todos os caminhos traçados desde as fontes até os resultados obtidos. Então para execução dessa pesquisa, foram usados alguns procedimentos, sendo eles divididos em abordagem da pesquisa, tipo de pesquisa e instrumento para coleta de dados. Com isso tem-se um paradigma metodológico como base para se fazer uma pesquisa.

O paradigma é um modelo ou padrão a ser seguido. “Paradigmas são modelos, representações e interpretações de mundo, universalmente reconhecidas, que fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade científica” (Kuhn, 1991, p.13). No passado (séc. XVI) não eram consideradas válidas as vivências humanas, e sim a ciência racional como absoluta, não tinha espaço pra outro tipo de metodologia. Era o paradigma dominante, que se desenvolveu através das ciências naturais, esse modelo é o de racionalidade científica, não padece o senso comum, ou seja, tem a ciência como verdade absoluta.

É como se as ciências da natureza dominassem as outras ciências. Só depois da crise do paradigma, que surgiu quando as ciências sociais começaram a serem ajustadas, a partir disso abriu discussões para conhecimento científico. Depois de todo esse caminho surge um novo modelo, sendo esse um novo modelo abrindo uma possibilidade de aproximação com a humanidade. Inclui-se aí além de um paradigma científico, um paradigma social. Com isso o paradigma dominante se tornou insuficiente nos dias atuais, para responder aos objetivos traçados sendo esses considerados questões sociais, do dia a dia. Então, esse nascimento do paradigma emergente, chamado de “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente” (Santos, 2010, p. 7). Há uma junção, sujeito e objeto. Logo, essa pesquisa se aproxima do paradigma emergente, pois esse modelo é mais subjetivo, que tem relação com a humanidade.

A pesquisa proporciona novos conhecimentos e novas descobertas. Pois o olhar do pesquisador deve partir de várias perspectivas. É interessante a combinação do saberes culturais com a ciência, para que se possam obter resultados relevantes e um conhecimento não deve se dissociar do outro, porque os dois são importantes. O pesquisador deve ter também uma aproximação com seu objeto de pesquisa, para poder criar uma relação. E a metodologia é o caminho da pesquisa no qual percorremos para atingir um determinado objetivo. Ela se inicia no momento em que surge uma dúvida, e a partir do problema (pergunta norteadora). A fim de compreender o tema escolhido, a pesquisa se apoiou em outros autores que discutiam sobre leitura e gêneros textuais, e já tiveram seus trabalhos publicados. Este trabalho tem como ideia procurar perceber como o tema dessa referida pesquisa tem sido abordado em outras universidades, possibilitando o aprendizado dos alunos, pelos diversos jeitos de ler.

4.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

O método de pesquisa utilizado é o qualitativo. Que surge como uma nova abordagem de pesquisa, depois do surgimento do novo paradigma o emergente. Esse tipo de análise foi escolhido para poder investigar a realidade social que não pode ser quantificada. Minayo (2009, p.21) diz que “Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deve ser quantificada.” Ela não se delimita em um único modo, deixa o horizonte variado de interrogações que se fazem presentes nas pesquisas em ciências naturais e humanas.

Segundo Chizzotti (2003), discute sobre esse campo da pesquisa de uma forma transdisciplinar onde envolve as ciências humanas e sociais. Esse termo qualitativo, segundo o autor, traz consigo o fato de ter fatos, pessoas e locais, os quais se concretizam como objeto de estudo. Com isso há um estímulo para as pesquisas atuais, de forma que a utilização de métodos que se adéquam ao objeto da pesquisa facilitam os estudos. O método de pesquisa qualitativo, é um tipo de análise que serve para poder investigar a realidade social que não pode ser quantificada. A pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzida em números e indicadores quantitativos. Esse tipo de pesquisa se opõe na utilização dos termos do tipo matemático para a compreensão da realidade.

Desse modo não existe uma hipótese, elas serão construídas após as análises, não tem como preestabelecer. No passado, as pesquisas qualitativas eram romantizadas e também dramáticas, pois procuravam contar histórias pessoas pobres e trabalhadores rurais. Depois a pesquisa qualitativa vem permeando para um viés mais antropológico, preocupando-se em estudar os grupos sociais, tendo assim uma aproximação com o objeto de estudo. Dessa forma, essa pesquisa é qualitativa pelo fato de se basear em dados de textos, que diz respeito a concepções de pessoas sobre um determinado tema. Onde os resultados obtidos não se tratam de quantidade nem estatística. Os dados obtidos são completamente subjetivos, não podem ser medidos ou contabilizados.

4.2 TIPO DE PESQUISA

Inicialmente essa pesquisa foi realizada por meio de um levantamento bibliográfico para fundamentação teórica, que segundo Gil – 2008, é um trabalho que se apoia em materiais já elaborados, como livros, artigos, dentre outros sobre a importância da leitura nas classes de alfabetização, de leitura e fichamento dos textos. Encontrados em bibliotecas ou bancos de dados.

Esse tipo de pesquisa se dá através de uma seleção de leituras. É preciso fazer um planejamento traçando um caminho para esse levantamento, deve está totalmente ligado ao tema de pesquisa. No levantamento bibliográfico são encontrados inúmeros textos, porém nem todos são válido ou estarão relacionados ao tema. É preciso fazer uma seleção mas precisa, de forma que consiga responder as expectativas do pesquisador. Porém sabe-se que com todas a limitações, falta de tempo e tantos outros afazeres que não contribuem para que se consiga ler inúmeros textos, porém é possível fazer uma seleção de textos pertinentes para a leitura. Ela se caracteriza como um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico gerando, temas, hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas. Buscando identificar nos documentos informações relevantes a partir da hipótese levantada na pesquisa.

4.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para coleta de dados de pesquisa foi à revisão da literatura, que nos permite ter uma visão dos trabalhos produzidos sobre os gêneros textuais em estados diferentes.

A revisão de literatura resultará do processo de levantamento e análise do que já foi publicado sobre o tema e o problema de pesquisa escolhidos. Permitirá um mapeamento de quem já escreveu e o que já foi escrito sobre o tema e/ou problema da pesquisa. (SILVA; MENEZES, 2001, p. 37).

A revisão de literatura permite apresentar de forma mais detalhada o tema escolhido, através de trabalhos com a mesma temática, fazendo assim uma análise, buscando colher dados que servirá de base para fundamentar a pesquisa. Esse modelo serve como base para coletar os dados, dando significado a pesquisa conforme o seu tema. Nessa parte do trabalho ocorre uma descrição de trabalhos, conforme as discussões de outros autores sobre o tema. E isso vai servir como apoio para responder o questionamento dessa pesquisa. A revisão de literatura não consiste em só fazer resumos de trabalhos, mas sim em fazer considerações, contrapontos, relações e interpretações a partir do problema da pesquisa.

Foram selecionados sete trabalhos de conclusão de curso, disponíveis no banco de dados das respectivas Universidades, divididos entre os cursos de Pedagogia e Letras. Dentre eles monografia, artigo e relato de experiência sendo de três regiões diferentes do Brasil (Norte, Nordeste, e Centro-Oeste), publicados entre os anos de 2011 a 2017.

Para seleção das fontes, foram considerados alguns critérios, como: Trabalhos apresentados no Brasil, em universidades públicas, que abordassem sobre gêneros textuais nas séries iniciais, foram excluídos aqueles com menos de vinte páginas.

Após a seleção dos trabalhos foram feitas as coletas de dados, que se deu a partir da leitura de todo o material selecionado de forma mais rápida. Depois uma leitura mais profunda com a ideia já de selecionar aqueles que realmente fariam parte da pesquisa. Após a leitura criou-se um banco de dados com mais propriedade para extrair os dados de cada trabalho (autor, ano, cidade, estado, universidade, título, tipo, referencial, metodologia). Houve um cuidado ético em citar os autores dos trabalhos selecionados.

5 OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS DIVERSAS ABORDAGENS

Os trabalhos a serem analisados foram selecionados na internet via Google, Google Acadêmico e Scielo. Através desses portais são encontradas inúmeras fontes para pesquisas, porém de acordo com os critérios que estabelecemos dificultou um pouco a quantidade de trabalho para serem estudados, já que grande parte era de faculdade particular, daí já tínhamos um critério excludente. Além disso, a maioria dos trabalhos além de pequenos se caracterizava como artigos, ou relatos que não contavam como requisito para obter qualquer título de graduação ou especialização, assim sendo insuficiente para coletar dados. Houve uma grande dificuldade para encontrar trabalhos em diferentes partes do Brasil, pois havia uma concentração em uma única localidade ou em estados bem pertos. Foi difícil também encontrar trabalhos na área de pesquisa da qual a minha temática se delimita, sendo essa, leitura a partir dos diversos gêneros textuais nos Anos Iniciais. Contudo, foi possível dentro das adversidades fazer uma pesquisa relevante.

Têm-se nos dias de hoje uma grande variedade de gêneros textuais, trazendo assim mais possibilidades para incentivo da leitura e escrita. Nesse sentido para embasar este pensamento, e para melhor compreensão, foram feitas análises de sete trabalhos de conclusão de curso sobre essa temática, que se deram através de monografia, de artigo e/ou relato de experiência, optamos por representar as três regiões brasileiras, como colocados no quadro abaixo.

Quadro 02

REGIÃO	TIPO	TÍTULO
Nordeste	Trabalho de Conclusão de curso de Pós-graduação	Literatura Infantil: conto, reconto e suas contribuições para construção da consciência crítica na criança. Batista (2016)
Nordeste	Monografia de Graduação	A perspectiva do gênero textual associada à produção de textos em LDP. Fernandes (2012)
Nordeste	Artigo	O uso do gênero textual história em quadrinhos como recurso didático para o ensino interdisciplinar. Oliveira (2017)
Nordeste	Trabalho de Conclusão de Curso	Gêneros textuais e apropriação da escrita: uma proposta para o primeiro ano do ensino fundamental. Santos (2017)

Nordeste	Monografia de Graduação	O uso dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento no ciclo de alfabetização. Silva (2017)
Centro-oeste	Monografia de Bacharelado	Os desafios da produção textual e a importância do revisor na análise de textos. Cavalcante (2011)
Norte	Monografia de Graduação	Oralidade e letramento: um estudo sobre a concepção dos professores do ciclo de alfabetização. Gomes (2016)

Para iniciar, será feita a análise do trabalho realizado por Adriely Karla Costa Campelo dos Santos, no ano de 2017, como pré-requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa – PB. Este trabalho foi intitulado *Gêneros textuais e apropriação da escrita: uma proposta para o primeiro ano do ensino fundamental*. Este trabalho nos permitiu perceber que uma metodologia bem elaborada pode trazer bons resultados na aprendizagem dos alunos. Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo. Levantou-se fontes para subsidiar e construir suas discussões, acerca de leitura de livros, artigos científicos e outros trabalhos relacionados, além de pesquisas realizadas no Google Acadêmico e no site da *SciELO* para construir esse trabalho analisado.

Nesse trabalho, foi realizada uma análise com base nos referenciais teóricos de Soares (2004), Mortatti (2006), Frade (2005), Amado (2013), Vasconcelos (2015) e Moya (2012). A elaboração de sua proposta se deu através de uma determinada sequência didática, depois de sua vivência com o estágio, realizado em uma instituição filantrópica da capital da Paraíba com uma turma de primeiro ano, não está mencionado no trabalho se a instituição onde fez o estágio é pública ou privada.

Em sua pesquisa, Santos (2017), traz os conceitos de alfabetização e letramento, a fim de compreender como os gêneros textuais podem auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos. Além disso, é importante segundo a autora, que os professores conheçam sua turma, e o ritmo de aprendizagem dos alunos, para que criem possibilidades, e qual a metodologia para um melhor desenvolvimento nesse processo de ensino aprendizagem. E, um dos fatores que impossibilitam para que esse processo seja possível, é a falta de uma formação de qualidade para os professores.

O Trabalho de Santos (2017) discute segundo autora

Concepções sobre alfabetização, letramento e letramento literário, buscando maior clareza entre esses temas, e fazendo uma abordagem a respeito dos métodos utilizados para alfabetizar com seus aspectos históricos e concepções e sobre a apropriação da escrita, foco da pesquisa aqui desenvolvida, possíveis fatos que podem dificultar o processo de aprendizagem como a heterogeneidade de turma, as dificuldades no cotidiano escolar e o despreparo docente, faz-se uma discussão acerca do uso dos gêneros textuais, a diferença entre eles e os tipos textuais, as relações com as habilidades linguísticas básicas para o ensino de Língua Portuguesa e apresenta-se uma proposta metodológica como alternativa de contribuir para o desenvolvimento da escrita dos alunos do primeiro ano, com os gêneros textuais, descrita por meio de seqüências didáticas (p.11).

Em sua discussão sobre gêneros textuais, Santos (2017), traz a variedade e a grande quantidade dos gêneros textuais. Começa apresentando a importância dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento, pois os gêneros textuais podem ser usados como um instrumento para fazer relações do cotidiano no processo de ensino aprendizagem. Para concluir seus pensamentos Santos (2017), dialoga com Vasconcelos (2015), e afirma que o trabalho com a diversidade de gêneros textuais há a possibilidade dos alunos se envolverem mais, já que são encontrados em situações reais.

Dessa forma os gêneros textuais são uma porta para que os alunos iniciem seu processo de leitura. Tem que ter algo antes para iniciar a citação “A presença dos gêneros textuais na sala de aula permite que a criança perceba a necessidade de aprender a ler e escrever, pois são textos que aparecem em seu dia-a-dia (p.31)”.

Com isso, através dos seus estudos podemos localizar no seu trabalho, como referencial, Moya (2012) em que traz alguns exemplos de gêneros textuais, que são vistos pelos alunos no seu cotidiano. Com essa facilidade de serem encontrados, ao serem utilizados na sala de aula, os professores podem se apoiar em práticas que permitam o aluno melhor compreensão e aprendizagem, pois os gêneros textuais são usados de forma escrita e também oral, o que permite a comunicação entre os pares, como afirma Moya (2012). Depois dessa contribuição, Santos (2017), entende que através dessa comunicação que os gêneros textuais permitem, uma vez que há a possibilidade de os professores desenvolverem estratégias e metodologias para que o aluno consiga perceber que tem fundamento nas atividades que os professores executam. Sabendo que a sala de aula é mista, dessa forma os gêneros textuais trazem certa flexibilidade para se trabalhar com eles das mais diversas formas. Para fundamentar, Santos (2017) traz em sua discussão como referencial, Amado (2013),

que confirma a heterogeneidade da sala de aula e as possibilidades de adequação que trazem os gêneros textuais.

Outra discussão interessante é a diferença entre gêneros textuais e tipos textuais. Pois um gênero textual pode apresentar vários tipos textuais. Para fundamentar o seu trabalho Santos (2017), apoiou-se em Marcuschi (2003 *apud* Moya, 2013, p. 1), o qual afirma que, os tipos textuais são caracterizados por possuir uma sequência, ou seja, os tipos textuais envolvem estruturas e padrões linguísticos, enquanto os gêneros textuais, que são mutáveis.

Todas essas ideias e seus estudos com base em seus referenciais foram o que lhe permitiu a elaboração de uma proposta de sequência didática, a ser utilizada em sala de aula com o primeiro ano do Ensino Fundamental, então Santos (2017), elaborou quatro quadros, neles tinham os gêneros textuais quadrinha, lista, história em quadrinho e conto acumulativo. Em cada quadro possui os objetivos, as atividades e avaliação.

A sua proposta de intervenção através dessas sequências didáticas, foi trabalhar de forma lúdica para desenvolver a escrita, a língua e os gêneros textuais. Foi possível, através das discussões de Santos (2017), compreender que os gêneros textuais têm uma grande importância no processo de aprendizagem na alfabetização e letramento, quando usado adequadamente. Em consonância, segundo a autora, a formação do professor deve dar todo o suporte, para que ele em sala de aula consiga alcançar seus objetivos e que possibilite melhor relação entre professor e alunos, bem como com o ensino e a aprendizagem. Pois, de acordo com Santos (2017) é preciso além de conhecer seu público, saber as especificidades de cada aluno, e seu tempo de aprendizagem, para construir uma boa sequência didática pra dar conta de proporcionar conhecimento aos seus alunos.

A pesquisa desenvolvida por Santos (2017), desperta a capacidade que o professor tem de usar os gêneros textuais ao seu favor, para desvelar seus conhecimentos e fazer com que os alunos vejam sentido em atividades propostas em sala de aula.

O segundo trabalho analisado tem como título “*Os desafios da produção textual e a importância do revisor na análise de textos*”, de Marina Pereira Cavalcante, apresentado na Universidade de Brasília, em Brasília – DF no ano de 2011. Esse trabalho se trata de uma monografia da área de Letras, que busca demonstrar a importância e a necessidade da leitura para compreender as tipologias e

os gêneros textuais, bem como as estratégias para elaborar um bom texto. Para isso foi feita a investigação de algumas redações de alguns candidatos que participaram de Recrutamento Interno (RI), que almejavam cargos melhores e/ou funções na Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). Com essa investigação o objetivo de Cavalcante (2011), foi mostrar as dificuldades e os erros encontrados nesses textos e como podem melhorar, assim como o olhar do revisor e sua análise para com o texto. Usou como referencial teórico Koch (2010), Bakhtin (1979), Marcuschi (2002), Marcuschi (2008).

Em sua pesquisa Cavalcante (2011), trouxe as correntes da linguística que estudam a escrita e a fala. A linguística textual foi seu objeto de estudo neste trabalho, a partir dessa corrente pode-se falar de suas contribuições, tanto das tipologias como dos gêneros textuais e suas ações dentro do texto. Pois a linguística textual estuda os textos como processos comunicativos, e seu objetivo é justamente descrever as funções dos textos, desde o nível das palavras até os discursos inteiros.

A ideia dessa pesquisa foi dar subsídios trazendo algumas estratégias direcionando, a partir do revisor de textos, uma produção textual com menos erros, forma, sentido e pragmática mais sólida. E não uma fórmula de redigir um texto perfeito. Assim como mostrar a proficiência do revisor de textos.

Em sua discussão sobre gêneros textuais Cavalcante (2011), os diferencia das tipologias. E afirma a importância dessa vasta diversidade de textos. Nessa perspectiva a autora reforça a ideia dos gêneros textuais traz competências, através das práticas comunicativas que Koch (2010) chama de “metagenética”, essa adquirida através dos gêneros textuais usados no cotidiano, a autora ainda traz Bakhtin para definir os tipos de gêneros textuais, sendo esses, primário e secundário. O primário segundo Bakhtin se constitui a partir das esferas sociais e o secundário as esferas públicas.

Assim como visto no trabalho anterior Cavalcante (2011), fala sobre a grande heterogeneidade dos gêneros textuais, e com base nessa ideia além de Koch (2010) corroborar ela transcreve um trecho onde Koch (2010) cita Marcuschi (2002), o qual afirma sobre essa possibilidade de os gêneros textuais poderem ser modificados, de acordo com as mudanças que ocorrem na sociedade. Com isso, afirma também que os gêneros direcionam o falante em sua produção textual.

Outro fator de grande pertinência trazido por Cavalcante (2011) são os gêneros textuais que são desenvolvidos de acordo com a região, são os gêneros típicos de uma região, desenvolvido por uma sociedade oral. Porém afirma Cavalcante (2011), que

esses gêneros típicos podem se perder ao contato com uma sociedade de escrita. Para fundamentar essa importância, a autora se remete a Marcuschi (2008) que revela através dos estudos que Bakhtin (1979) fez, onde mostra esse modelo de comunicação.

Em sua metodologia, a autora se apoiou em pesquisa bibliográfica e análise documental através da investigação das redações feitas para Recrutamento Interno para o cargo de Supervisor Operacional. Depois Cavalcante (2011) levantou algumas hipóteses através dos erros observados nas análises, erros esses principalmente na área da gramática.

Cavalcante (2011) buscou com esse trabalho, a partir de sua investigação, direcionar uma construção textual, sugerindo estratégias de escrita para compreensão de textos e salientar o papel do revisor de texto. E percebeu com esse estudo que, é pertinente conhecer as tipologias e os gêneros textuais, para se produzir textos melhores que levem de fato a mensagem que o escritor quer passar.

A análise desse trabalho teve uma grande importância em além de referenciais ainda desconhecidos, alguns conceitos e discussões até agora ainda não vistos. Dessa forma se faz necessário sempre ampliar as leituras e investigações para que com isso se tenha ainda mais conhecimentos sem pré-julgamentos. É notável que o tema leitura, escrita e gêneros textuais têm uma ampla discussão, várias ideias e discussões, com isso é pertinente essas análises para encontrar as diferentes ideias e construir assim hipóteses, levantar dados e encontrar referências para se apoiar e desenvolver um melhor trabalho.

A terceira pesquisa intitulada como “*A perspectiva do gênero textual associada à produção de textos em LDP*”, foi elaborada por Maria das Graças Barreto Fernandes do curso de Letras, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, apresentado no ano de 2012 em Catolé do Rocha – PB.

Com caráter bibliográfico e analítico, através do estudo com a presença dos gêneros textuais nos Livros Didáticos de Português (LDP), com o objetivo de observar se os gêneros textuais são trabalhados ou propostos em LDP e de como são realizados esses trabalhos. Para fundamentar seu trabalho Fernandes (2012) se apoiou nos teóricos Koch (2009), Bezerra (2005), Dionísio (2005).

Foram analisados livros didáticos do Brasil, aproximadamente no período de 15 anos, a após uma análise comparativa com os Livros Didáticos de Português nas duas últimas décadas. Para poder a partir daí entender as relações dos gêneros textuais e a partir de quando ganham visibilidade nos livros didáticos.

O objetivo desse trabalho foi analisar quais as contribuições dos gêneros textuais presentes nos livros didáticos, e suas propostas com a produção textual. Nesse trabalho Fernandes (2012), discute sobre a questão de gêneros textuais e sua importância para o ensino da língua, a produção textual nas escolas e as recomendações dos PCN, a importância do estudo dos PCN em relação à produção de textos escolares e discute também sobre os LDP das duas últimas décadas, realizando a comparação com os quatro Livros Didáticos de Português publicados no Brasil nos últimos 15 anos.

Ao falar sobre gêneros textuais Fernandes (2012), afirma que eles, são construídos pelo ser humano, com isso os gêneros textuais contribuem para comunicação diária. A fim de compreender a forma de comunicação que os gêneros textuais possibilitam encontra-se em seu trabalho Koch (2009), que diz sobre os gêneros textuais estarem sujeitos a mudança, ou seja, dependendo da situação e como a pessoa irá utilizar. Ainda de acordo com Koch (2009), é necessário levar em consideração a situação, a ação e também a relação meio-fim para escolher um gênero. Com isso é pertinente conhecer o gênero textual, sua forma e funcionalidade para poder trabalhar com ele, e, além disso, como eles se relacionam com as pessoas.

Sobre os Livros Didáticos de Português, Fernandes (2012) afirma que os professores devem ser os mediadores para poder explorá-los da melhor forma, já que há uma gama de informações neles, mas nem todas são interessantes para os alunos. Não é necessário que os professores façam dos Livros Didáticos sua única fonte. Mesmo com os avanços que os Livros Didáticos tiveram não se faz necessário se prender apenas a ele.

De acordo com os estudos realizados por Fernandes (2012), foi possível perceber através das análises, as várias mudanças que aconteceram. Na década de 90 se estudava tipologia textual e só depois os LDP passaram a trazer a proposta de se trabalhar os gêneros textuais levando em consideração sua importância nos livros, mas também de acordo com os PCN. Mesmo com os avanços foi observado que algumas atividades propostas nos livros didáticos se confundem entre tipologia textual e gênero textual. A pretensão deste trabalho foi de destacar a importância de se trabalhar a produção textual ou oral como forma de gênero textual.

Nessa discussão sobre a presença dos gêneros textuais nos Livros Didáticos de Português, traz uma reflexão também sobre como os Livros Didáticos são utilizados. Já que os gêneros textuais surgem da comunicação, logo os textos presentes nos livros

didáticos devem estar relacionados à realidade dos alunos, para produção de textos, já que os Livros Didáticos são fontes no processo de ensino aprendizagem.

O quarto trabalho tem como título *Literatura Infantil: conto reconto e suas contribuições para a construção da consciência crítica na criança*. Sendo uma monografia de pós-graduação, por Dina Rosa Nunes Batista, na Universidade Federal da Bahia, no ano de 2016. Sua pesquisa se consolida a partir de suas memórias vividas de infância e adolescência.

A monografia nos convida a refletir sobre as contribuições da literatura infantil e sobre a realidade vivida, onde a atividade prática se deu na cidade de Camaçari-BA, numa escola infantil de turno integral. Sua metodologia além de pesquisa bibliográfica se consolidou em uma pesquisa de campo, na escola infantil a qual a autora trabalhava. Foi feita observação no grupo 05, com foco nas práticas de leitura, conto e reconto, além dos registros de meses anteriores através de fotos, vídeos e relatórios. Para fundamentar sua pesquisa Batista (2016) se apoiou em alguns autores, Abramovich (1997 - 2006), Freire (1996), Gregorin Filho (2009).

Em sua pesquisa Batista (2016), enfatiza a importância da leitura para ampliar o senso crítico das crianças por meio dela, assim como a construção de sua identidade. Com isso a importância da contação de histórias, com o olhar sensível e atento do professor para respeitar a bagagem que os alunos trazem.

Batista (2016), ainda traz os aprendizados que teve no decorrer de sua pesquisa. Segundo a autora, como a diferença entre “ser criança” e “ter infância”, refletir sobre a prática docente, a diferença entre alfabetização e letramento e também pensar sobre a linguagem como uma construção sócio histórica, assim como a finalidade da escola e sobre ser educadora. Dessa forma, essa pesquisa teve como objetivo “compreender de que forma a literatura infantil, por meio do conto e reconto, contribui para a formação crítica da criança como sujeito biopsicossocial, ampliando seus valores e saberes acerca de si e do outro”. (p. 12)

Em sua pesquisa, Batista (2016), nos leva a refletir sobre a literatura infantil, não só como o fator de contação de histórias, mas algo que vai muito, além disso, segundo a autora “a literatura é uma prática interdisciplinar que está relacionada muitos outros modos de expressão como o movimento, imagem, música, que vão alicerçando a habilidade comunicativa da criança desde os primeiros anos de vida” (p.13). Ainda segundo ela, a literatura é algo cultural e social, não são anotações sem sentidos, são registros quem tem valores, sentimentais, de expressão, conhecimentos, e

estão presentes nas ações das pessoas. E na infância não estão presentes só em livros, mas também nas brincadeiras, música, filmes, dessa maneira é notório que a literatura está na maioria das vezes ligada à ludicidade. “Por isso a leitura deve ser uma prática diária que desenvolva a curiosidade e o desejo em conhecer” (p. 14). Podemos localizar em seu trabalho Abramovich (1997), que pontua a importância de ler. Em sua pesquisa Batista (2016), traz um pouco sobre o histórico da literatura infantil, que permite notar os avanços que tiveram em relação à Literatura Brasileira.

Em sua discussão sobre o papel do professor Batista (2016) nos leva a refletir sobre a importância do professor despertar na criança a curiosidade e colaborar para a criticidade delas. Sabe-se que não é uma função fácil, porém com o apoio da escola, assim colocado pela autora, o professor terá subsídios para contemplar suas práticas.

Com a finalidade de despertar com as crianças o senso crítico através da leitura Batista (2016), enuncia a biblioteca como grande aliada e para contato com os gêneros textuais. Assim, a autora se remete ao gênero literário, o conto.

O conto, em especial os de fadas, na educação infantil encanta as crianças. Através deles, elas têm a possibilidade de se lançar em aventuras incríveis, viver personagens, conhecer realidades distintas, e, desse modo, conhecer mais de si mesma e do outro, buscando nas interações entre personagens e situações, compreender o mundo que as cerca, ressignificando seus próprios relacionamentos e emoções. (Batista, 2016, p. 23)

Através dessa reflexão Batista (2016), buscou em seu trabalho trazer práticas que encantasse os alunos. Com isso, ela fez um levantamento com as crianças para saber a suas histórias favoritas, começou então pelo conto chapeuzinho vermelho, com a proposta de usar mecanismos para encantar os alunos, fez uso de recursos como as fantasias. No reconto, agora contado pelos alunos, houve alterações no conto. “Na versão contada por eles, o lobo mal chegava de cavalo, Chapeuzinho tinha uma melhor amiga e os bichinhos da floresta se reuniam ao caçador para salvá-la” (p. 24). Além de quererem explorar o espaço escolar sair da sala de aula. Além do conto e reconto, os alunos refletiram sobre os comportamentos dos personagens e compararam o lobo com um coleguinha agressivo, porém cientes de que isso não é certo, eles prezam pela paz pensamento esse constituído através de um projeto que houve na escola.

Depois disso Batista (2016), se dispõe a leitura de outras práticas como fantoche e instrumentos musicais com outros contos. Com sua pesquisa, Batista (2016) aponta a importância da criança como protagonista, o desenvolvimento do

conhecimento, interpretação e reflexão. “entendi que a vivência das crianças com os contos literários, favorece a riqueza de suas ações e soluções de problemas, ampliando sua capacidade imaginária nessa dimensão que a literatura proporciona” (p. 29). Segundo as suas observações, as crianças através dos contos de fadas, conseguem fazer relação com sua realidade. Daí ela se apoia em (GREGORIN FILHO, 2009, P. 68) que diz o seguinte. “Forma-se um leitor a partir das relações que ele consegue estabelecer por meio do diálogo de uma obra com outras, do mesmo tempo ou tempo diferentes; da obra literária com outros gêneros discursivos.” Logo, a leitura é uma fonte rica de conhecimento, com isso ela dar subsídios para que as pessoas consigam lidar com diversas situações. Assim é também com as crianças em relação aos contos.

A quinta pesquisa analisada foi desenvolvida por Maria de Lourdes Freitas de Oliveira, que tem como título *O uso do gênero textual história em quadrinhos como recurso didático para o ensino interdisciplinar*. Foi apresentada a Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2017. Sua metodologia foi baseada em análises de sete tiras de História em Quadrinhos. Ela analisou tiras dos personagens da Turma da Mônica, O Menino Maluquinho e Leloca.

Em seu artigo Oliveira (2017), utiliza o gênero textual HQs (História em Quadrinhos) como recurso didático junto com a interdisciplinaridade, que segundo a autora, faz uma integração das disciplinas escolares. Oliveira (2017) se apoia em Fazenda (1994), Nogueira (2007), Bakhtin (2003) e Marcuschi (2010) para fomentar sua pesquisa.

Como já visto em outros trabalhos os gêneros textuais fazem parte do dia a dia e são utilizados na comunicação, seja ela falada ou escrita. Por isso segundo Oliveira (2017), seu uso como recurso didático tem grande importância para o processo de ensino aprendizagem. Com isso o seu objetivo é “apresentar uma proposta de uso dos gêneros textuais como ferramenta de ensino”. (p. 4).

Na sua abordagem sobre gêneros textuais, Oliveira (2017) traz o seu contexto histórico, de como surgiram, até a atualidade. O qual segundo a autora tem crescido bastante já que é uma forma de comunicação. Sobre a epistemologia, definição de gênero textual, assim como no trabalho de Cavalcante (2011), ela traz Bakhtin (2003) para ancorar seu pensamento, aonde o autor vem afirmar o uso dos gêneros textuais no cotidiano. E também traz a divisão dos dois grupos de gêneros. Ainda nessa discussão Oliveira (2017) traz agora a concepção de Scheneuwly, onde segundo ele os gêneros

textuais têm características próprias. Assim também como Bazerman, diz que pensa na estrutura do texto quando vai produzir, para poder encaixar melhor. É assim também com os gêneros textuais, suas características são reconhecidas por quem estiver participando do processo da interação.

Oliveira (2017) usa também os Parâmetros Curriculares Nacionais para contribuir com sua discussão sobre os conceitos dos gêneros textuais. E através disso pode-se observar que uma teoria se associa com a outra, de forma a contribuir para o entendimento de que os gêneros textuais estão sempre presentes. Com isso segundo Marcuschi (2008) usado por Oliveira (2017) vem dizer que os gêneros textuais não possuem qualquer regra pronta e acabada, são características que podem sofrer alterações de acordo com o interlocutor. Ou seja, o hibridismo que permite textos de um determinado gênero textual vir apresentado de outra forma. Por exemplo, uma notícia jornalística ser apresentada em forma de poema. Essa diversidade desempenha as infinitas possibilidades de usar os gêneros textuais como proposta didática no processo de ensino aprendizagem.

Para isso a autora utiliza o gênero textual Histórias em Quadrinhos como ferramenta didática para trabalhar de forma interdisciplinar. Ela pegou o interesse que os alunos tinham nas Histórias em Quadrinhos e juntou com o interesse da escola pelo processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Daí sua proposta foi usar as análises das tiras dos personagens da Turma da Mônica, O Menino Maluquinho e Leloca, com um olhar interdisciplinar. Dessa forma vale ressaltar que essa como qualquer proposta didática para ser colocada em prática, cabe também ao professor, um bom planejamento.

O sexto trabalho escrito por Yasmin Nascimento da Silva, com o título *O uso dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento no ciclo de alfabetização*, apresentado em João Pessoa, na Universidade Federal da Paraíba em 2017, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia. O seu objetivo geral buscava “compreender como as professoras do ciclo de alfabetização na organização do seu trabalho pedagógico utilizam os gêneros textuais em sala de aula no processo de alfabetização e letramento.” (p. 08).

Sua metodologia é de caráter qualitativo, e tem como fonte de pesquisa a observação da aplicação dos gêneros textuais nos ciclos de alfabetização. Em turmas de 2º e 3º anos do primeiro ciclo. Depois a entrevista com as professoras buscou-se saber como se dava a organização do trabalho pedagógico com a inserção dos gêneros

textuais nas suas aulas. E, além disso, ela fez análise documental, dos planos de aula e do projeto político pedagógico da instituição, se trata de uma escola no município de João Pessoa. Pesquisou também no Laboratório de Estágio Supervisionado e Trabalho de Conclusão de Curso (LAEST), no Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. “Foram encontradas 5 (cinco) monografias do ano de 2010 até o ano de 2016 que abordavam o tema alfabetização e literatura infantil.” (p. 14). Para fundamentar sua pesquisa, Silva (2017) se apoiou em Ferreiro e Teberosky (1992), Bakhtin (2000), Schneuwly e Dolz (2004).

Assim como nos outros trabalhos foi visível compreender a importância dos gêneros textuais na sala de aula, pois facilita além do processo de ensino aprendizagem, desperta o interesse pela leitura nos alunos. Com base nesse pensamento Silva (2017), discute sobre essa importância, pois através de suas observações em dois Estágios Supervisionados, ela percebeu a dificuldade de encontrar planejamentos para contemplar o uso dos gêneros textuais nas classes de alfabetização. Ainda foi possível observar que quando os gêneros são usados os professores se baseiam nos livros didáticos, e sabe-se que dessa forma o ensino acaba ficando padrão. Seu interesse também se advém de alguns assuntos estudados nas aulas de Organização e Prática do Ensino Fundamental. Silva (2017), também discute em sua pesquisa sobre a influência que o ambiente tem sobre os alunos para que eles obtenham o conhecimento com isso a importância e responsabilidade de um professor propiciar esse ambiente alfabetizador para contribuir no processo para aquisição de conhecimentos pertinentes para eles.

Diante desse estudo foi possível encontrar no trabalho de Silva (2017) a importância de trabalhar os gêneros textuais nas classes de alfabetização. Pois além de desenvolver o gosto pela leitura nos alunos, instrui-os a entender o que está lendo. Dando continuidade a esse pensamento Silva (2017) traz a diferença entre gêneros textuais e tipos textuais, como base dessa diferença entra-se Marcuschi (2002) que diz é preciso observar as estruturas dos textos para saber quais os itens que os formam. Ou seja, os gêneros textuais se apossam das estruturas dos tipos textuais. Para ampliar essa discussão Silva (2017) cita e descreve os cinco grupos dos tipos textuais narrar, expor, argumentar, instruir e relatar. Já os gêneros textuais são defendidos por Bakhtin (2003) como mais flexível, pois são vistos diariamente no cotidiano, não apenas na escrita mais também na fala como meio de comunicação. A autora traz alguns exemplos de gêneros textuais, e os descreve. São eles: propaganda, receita,

reportagem, bula de medicamento, história em quadrinhos, charge, adivinha, boletos e faturas, canção.

Através da discussão sobre gêneros textuais Marcuschi (2008) ainda propõe uma abordagem por domínio discursivo e modalidades, que segundo ele são aqueles que têm uma função de comunicação, aqueles os quais dão origem não a todos, mas a vários gêneros textuais. Para compor essa discussão Silva (2017) cita e descreve as seguintes modalidades: científico, religioso, jornalístico, instrucional, comercial, interpessoal, jurídico, publicitário e ficcional. Para completar, Bakhtin (1979) diz que os gêneros discursivos são divididos em dois seguimentos, o simples (discursivo primário) e o complexo (discursivo composto).

Diante disso é possível a partir do estudo de Silva (2017), fazer uma análise com base no seu ponto de vista sobre a importância do professor ter essa visão ampliada de levar os gêneros textuais para sala de aula para despertar em seus alunos o gosto pela leitura. Segundo a autora os gêneros textuais quando inseridos na sala de aula permite que os alunos consigam alcançar os textos que são produzidos fora da escola.

Os gêneros textuais são diversos e podem ser usados de infinitas maneiras. Dessa forma Silva (2017), desperta que eles não podem ser usados de uma forma isolada, deve ter uma ligação com a realidade dos alunos assim como as disciplinas que estarão sendo estudadas. Logo, o professor tem um papel importante assim como a escola para a educação formal dos alunos.

A fim de compreender a inserção dos gêneros textuais nos ciclos de alfabetização, Silva (2017) traz a relevância dos diferentes gêneros para favorecer o ambiente de letramento. Para que o aprendizado não se imite apenas a sala de aula, e dessa maneira o professor aproveite as possibilidades que existe para poder fazer suas aulas mais atrativas, pois se sabe que na maioria das vezes o professor fica muito preso ao livro didático que na verdade é só um das mais diversas ferramentas para serem utilizados em suas aulas. Com isso a autora oferece sugestões como o cordão literário e o cantinho da leitura, os quais possibilitam a exposição dessa variedade de textos, tão importante na formação leitor para os alunos, e trazer mobilidade a sua sala de aula, fazendo com que se torne um ambiente alfabetizador.

Diante disso Silva (2017), conclui o quanto da importância de trabalhar os gêneros textuais na sala de aula, e dessa forma o professor terá uma aula mais didática e estará formando leitores e escritores autônomos e com senso crítico. Compreendeu

ainda que letramento e alfabetização andam juntos, “não existe uma alfabetização sem letramento” (p. 63).

A análise do trabalho de Silva (2017) nos convida a refletir sobre a importância dos gêneros para formação do leitor, para além da sala de aula. Além disso, as possibilidades de se trabalhar os gêneros textuais de forma que o espaço da sala de aula se torne um ambiente alfabetizador, e que o professor faça o uso correto dos livros didáticos que é uma ferramenta importante, mas que muitas vezes são usados de forma errônea, e existem outras ferramentas que podem ser utilizadas para tornar as aulas mais leves e prazerosas. Ainda traz as concepções de alfabetização, também muito pertinentes para estabelecer o processo de ensino aprendizagem.

O sétimo trabalho a ser analisado tem como título “*Oralidade e letramento: Um estudo sobre a concepção dos professores do ciclo de alfabetização*”, de Joelma Santos Gomes. Trata-se de uma monografia como trabalho de conclusão do curso de pedagogia apresentada à Fundação Universidade Federal de Rondônia, no ano de 2016.

Em seu trabalho Gomes (2016) vem tratando sobre a importância da fala, uma vez que na escola vem se constituindo uma “exclusão da fala” (p. 10), como se a escrita fosse mais importante. No entanto os gêneros textuais são encontrados através da fala no cotidiano. Nesse sentido, o objetivo geral do estudo de Gomes (2016), “consiste em investigar o modo de concepção das modalidades oral e escrita dos professores alfabetizadores que atuam no ciclo da alfabetização” (p. 11). E para fundamentá-lo, se utilizou de Marcuschi e Dionísio (2007) e Fávero (2002).

Em sua discussão sobre gêneros textuais Gomes (2016) busca evidenciar a importância que a oralidade tem, e através disso a criação dos novos gêneros. Que segundo a autora “novos gêneros são criados de acordo com a necessidade comunicativa da complexa população humana” (p. 23). Para fundamentar seu pensamento ela traz Dionísio, Machado e Bezerra (2010), e Travaglia (2013), os quais afirmam que os gêneros textuais se desenvolvem a partir das necessidades da sociedade, e suas mudanças poderão ocorrer conforme o uso da linguagem. Ainda nessa linha os autores já mencionados enfatizam que a comunicação se dá somente por intermédio de algum gênero textual. Ou seja, a oralidade também se classifica como um texto, não é necessário que esteja escrito. Nesse sentido é evidente que os gêneros textuais estão sempre presentes no nosso dia-a-dia.

A fim de compreender a concepção das modalidades oral, Gomes (2016) apresenta em seu trabalho os gêneros orais, os quais são utilizados por todos falantes, a todo o momento. Para definir esse gênero a autora se utiliza de Travaglia (2013), e segundo ele os gêneros orais são aqueles que precisam da voz humana, tendo ou não tendo a versão escrita. Ampliando sua discussão (Gomes 2016), evidencia que todo meio de comunicação existente advém da fala. Ainda segundo a autora, o uso de gênero oral é “comum e variante” (p. 24). Vale destacar que “temos que entender que nada pode ser tão bom quanto falar sobre algo para alguém que entenda o que lhe está sendo dito”. (p.24). Por isso se comunicar de forma oral, deve-se utilizar de maneira mais fácil, para haver entendimento entre os pares.

As formas de comunicação vão evoluindo com o tempo e as necessidades. Inúmeros gêneros orais existem na sociedade. É possível encontrar no trabalho de Gomes (2016) um estudo detalhado feito por Travaglia (2013), em que ele divide os gêneros textuais em treze esferas. São elas: Esfera das relações do dia a dia; Esferas do entretenimento e literária; Esferas escolar e acadêmica; Esfera religiosa; Esfera militar; Esfera médica; Esfera jornalística; Esfera jurídica/forense; Esfera policial; Esfera comercial e industrial; Esfera dos transportes; Esfera de magia; Esferas diversas. Através desse estudo pode-se destacar, assim conforme Gomes (2016), que quando os gêneros orais são impressos se tornam textos mistos, e usa como exemplo a história em quadrinho, “apresentam a fala da personagem na íntegra sem nenhuma modificação para a língua escrita sem o uso da regra normativa e também a utilização do texto visual que prende a atenção do leitor” (p. 26).

Desse modo a autora destaca a importância do gênero textual história em quadrinho, para trabalhá-lo na sala de aula. Pois suas características possibilitam a interação do aluno com os gêneros textuais, já que segundo a autora no gênero textual história em quadrinho tem-se diferentes gêneros reunidos em um único.

Para seu estudo Gomes (2016), utilizou como procedimento técnico pesquisa descritiva analítica. A sua didática se dividiu em dois parâmetros a pesquisa bibliográfica que se deu através de consulta livros, artigos e sites e pesquisa de campo, onde seu objeto de pesquisa foi a escola, sendo essa municipal na cidade de Ariquemes, estado de Rondônia. Na pesquisa de campo ela fez entrevistas com onze questões, com cinco professoras das classes de alfabetização.

A cada trabalho analisado foi possível perceber o quanto de conhecimento é adquirido e o tanto de informações que é possível obter. Dentre essas análises é possível perceber a relevância desse tema no âmbito educacional. Os gêneros textuais é um assunto amplo, com várias ideias, aonde uma vai completando a outra. Ao ler todo o trabalho é possível perceber que as análises além de responder ao questionamento dessa pesquisa vêm agregando as ideias assim estruturadas nos capítulos de referência bibliográfica. As análises tem grande importância por trazerem diversas abordagens sobre o tema gêneros textuais, e enfatizarem assuntos já estudados como também completar. Diante disso é notável como todos os trabalhos tratam esse assunto com seriedade, sua importância para alfabetização e letramento. Nota-se a variedade existente dos gêneros textuais assim como, a possibilidade do surgimento de novos gêneros, de acordo com a necessidade da sociedade, pois eles vêm das práticas comunicativas. Além da importância de agregar ao currículo as novas tecnologias, sendo essas importantes para evolução atualização e informação, e por já fazerem parte da realidade do aluno, outro ponto bastante pertinente. Através disso vale salientar que essa falta de investimento ou de manutenção não é culpa do professor ou da escola, e sim do governo. E, a falta de formação para o professor é também um grande problema, por ele ser quem está atuando na sala de aula com o papel de formar alunos críticos, reflexivos e sujeitos atuantes na sociedade, fazendo da leitura um suporte para essa contribuição, não só a leitura, mas também a produção de textos escritos e orais. Por falar nisso a oralidade tem uma grande importância para formação dos alunos, essa muitas vezes excluída. Tem-se também a preocupação de distinguir os gêneros textuais dos tipos textuais, para serem usados como ferramenta didática e dar apoio ao professor, sendo esse o mediador para o processo de ensino e aprendizagem. Essa mediação deve ser bastante utilizada também pra o uso com o livro didático, que é apenas uma de muitos suportes, e deve ter cuidado ao usá-los. É importante trazer que a ideia de contação de histórias e as literaturas infantis tem sua relevância, através delas pode-se despertar no aluno a usar sua imaginação, criar, mudar ou se fazer personagem criticar, concordar ou discordar, e fazer relações com sua realidade.

Através desse tema de pesquisa pode-se perceber o quanto que é trabalhoso ser professor, porém o tanto de ferramentas que se tem, pois como base nessas discussões nota-se que os gêneros textuais além de fazer parte do cotidiano, podem ser usando de forma lúdica e interdisciplinar. E mesmo com as dificuldades, falta de materiais, é

possível dentro das adversidades fazer um bom trabalho. Contudo, conforme as análises despertaram o quão valeu a pena pesquisar sobre esse tema, e como esse tipo de pesquisa traz diversas possibilidades de os professores terem como apoio os gêneros textuais, para assim contribuírem no incentivo para a leitura.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura no geral permite o conhecimento. Esse hábito de ler deve ser iniciando desde antes de a criança entrar na escola, e continue a partir daí. E dessa forma o papel do professor é instigar a leitura trazendo a importância dela e despertando nas crianças a reflexão e criticidade a partir do que foi lido. Levando em consideração a sua realidade e sua leitura de mundo. Com isso a integração dos gêneros textuais na sala de aula permite que as crianças consigam enxergar fundamento nas atividades de classe, visto que estão rodeados dos gêneros no dia a dia.

Esta pesquisa teve como objetivo geral investigar as possibilidades de os professores contribuírem para que os alunos desenvolvam o hábito e o prazer pela leitura, em classes de alfabetização usando os gêneros textuais. Os gêneros, são compreendidos como ações socio-comunicativas, sendo assim uma forma de aproximar os alunos da leitura e produção de texto. Possibilitou também entender de fato a importância da leitura, não só a leitura das palavras, mas as vivências dos alunos fora da escola que são pertinentes para o processo de ensino aprendizagem e sua formação leitor.

O motivo dessa pesquisa se dá através do fato de que muitas pessoas chegam a adolescência ou fase adulta sem interesse na leitura. O que poderia ser despertado ainda na tenra idade. E por experiência, da falta dessa diversidade de textos, em sala de aula que acaba fazendo do ensino a leitura por obrigação.

Para compreender os conceitos tanto de leitura quanto de gêneros textuais, foi necessário recorrer a alguns autores, considerando suas contribuições para fundamentar essa pesquisa. E através de análises pode ser compreendido o quanto esse tema é amplo, e suas funcionalidades como estratégias e instrumentos que possibilite esse contato dos alunos para com a leitura.

Diante das análises há algumas questões para serem consideradas. Como o apego dos livros didáticos que muitas vezes são utilizados como única fonte e ferramenta de ensino, sendo que nem tudo que está nele é usável, geralmente não fazem parte da realidade do aluno, nesse caso o professor ao utilizar os livros didáticos deve ser mediadores desse instrumento e usá-lo da melhor forma possível. Há outras ferramentas didáticas bem interessantes que os próprios gêneros textuais dispõem. Além disso, os gêneros textuais são importantes para formação do leitor para além da

sala de aula, até por que as novas tecnologias assim usadas pelas crianças abrangem várias áreas do conhecimento, por que não usá-las como ferramenta didática, visto que é imprescindível trazer a realidade da criança para dentro da escola? Dessa forma as análises vem dialogar de uma maneira a contribuir para discussão desse tema de pesquisa, e como ele representa nas mais diversas abordagens.

Logo, as contribuições dos autores como Lerner (2002), Freire (1989), Coscarelli (2007) e Marcushi (2000), trazem uma reflexão diante do ato de ler. A leitura na escola deve apresentar variedade de textos para que a criança não leia somente, mas que esses textos tem significados para que consigam interpretar, refletir e criticar. Pois, é na escola que as crianças tem oportunidade de serem inseridas socialmente na sociedade. E através da leitura que possibilita tornarem essas crianças cidadãos críticos, reflexivos e participes da sociedade assim inseridas.

Através de todo levantamento bibliográfico, foi possível inferir que por meio da leitura é possível adquirir os mais diversos conhecimentos. Para tal, é preciso estimular e cultivar o hábito ainda na infância, de modo que perdure nas fases posteriores. Nesse sentido, ao professor, convém fazer o uso de estratégias para que os alunos entendam a importância desse ato e assim se tornem capazes de fazer reflexões e críticas ao que foi lido, bem como fazer associações à realidade como coerentemente sugerem as propostas pedagógicas de Paulo Freire.

Ao analisar os dados coletados, percebeu-se a importância que tem os gêneros textuais como ferramenta didática que favorecem o incentivo a leitura e produção textual na sala de aula, como também a oralidade. Esse trabalho permite fazer acreditar na educação. Uma vez que diante de muitas discussões feitas na trajetória acadêmica, as práticas dos estágios e relatos de professores atuantes podem confundir, fazendo pensar se realmente vale a pena ser pedagoga. Porém depois da pesquisa pronta e com base nas análises é possível perceber que é uma profissão difícil, mas que é possível no meio de todas as adversidades ainda acreditar na educação.

Esse TCC além de ser um trabalho para concluir o curso, e obter um título acadêmico, tem grande importância para dar início na carreira de pesquisador, sendo esse o primeiro de todos, onde se aprende como organizar as ideias, como pesquisar, quais os percursos metodológicos utilizarem e como escrever. Além de ser um trabalho onde o estudante possa pesquisar sobre algum tema que lhe inquieta. E, esse tema abre ganchos para fazer outras pesquisas, além de ser fonte de informação para

outras pessoas. Necessário para pensar que tipo de profissional se deseja ser, sendo essa uma profissão de muita responsabilidade.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, Dina Rosa Nunes, **Literatura Infantil: conto, reconto e suas contribuições para construção da consciência crítica na criança**. 2016. 36f. Especialização – Universidade Federal da Bahia - Salvador – BA, 2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de Educação Fundamental**. Pp. 19-32 Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAVALCANT E, Marina Pereira, **Os desafios da produção textual e a importância do revisor na análise de textos**. 2011. 72f. Monografia - Universidade de Brasília – Brasília - DF, 2011.
- CHIZZOTTI, A. (2003). **A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios**. *Revista Portuguesa de Educação*. pp. 221 – 236
- COSCARELLI, Carla Viana, **Gêneros textuais na escola**. 2007. Veredas on line – ensino – 2/2007, p. 78-86 – Juiz de Fora.
- DIONISIO, A. P. MACHADO, A. R. BEZERRA, M. A. **Gêneros textuais e ensino**. – 5.ed. – p. 19 – 36. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- ESCRITORES da liberdade. Direção: Richard Lagravenese. Produção: Richard Lagravenese. Roteiro: Richard Lagravenese, Erin Gruwell, Freedom Writers. Intérpretes: Hillary Swank; Patrick Dempsey; Scott Glenn, Imelda Staunton; April Lee Hernandez; Kristin Herrera; Jacklyn Ngan; Sergio Montalvo; Jason Finn; Deance Wyatt. EUA/Alemanha, 2007. Duração: 123 min. Gênero: Drama.
- ESTRELA, S. C. & ANDRADE, M. E. B. **A inclusão de seis anos no ensino fundamental: pontos e contrapontos**. – 1. ed. p. 31 – 58. Curitiba, 2015.
- FERNANDES, Maria das Graças Barreto, **A perspectiva do gênero textual associada à produção de textos em LPD**. 2012. 45f. Monografia - Universidade Estadual da Paraíba - Catolé do Rocha – PB, 2012.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez. 1989.

- GOMES, Joelma Santos, **Oralidade e letramento: um estudo sobre a concepção dos professores do ciclo de alfabetização**. 2016. 48f. Monografia – Fundação Universidade Federal de Rondônia – Ariquemes – RO, 2016.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª Ed. São Paulo. Atlas 2008.
- KUHN, Thomas. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre. Artmed. 2002.
- LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A. & XAVIER, A. C. (Orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- OLIVEIRA, Maria de Lourdes Freitas, **O uso do gênero textual história em quadrinhos como recurso didático para o ensino interdisciplinar**. 2017. 21f. Artigo – Universidade Federal do Rio Grande do Norte - Caraúbas – RN, 2017.
- PRADO, J, & CONDINI, P. (Orgs). **A formação do leitor pontos de vista**. Rio de Janeiro: Argus 1999. Pp. 75-77.
- SANTAELLA, L. **Comunicação e Pesquisa**. São Paulo: Hacker Editores, 2001.
- SANTOS, Adriely Karla Costa Campelo dos. **Gêneros textuais e apropriação da escrita: uma proposta para o primeiro ano do ensino fundamental**. 2017. 59f. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal da Paraíba Centro de Educação, João Pessoa – PB, 2017.
- SANTOS, Boaventura dc Sousa. **Um discurso sobre as ciências** / Boaventura de Sousa Santos. — 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2008.
- SILVA, Edna Lúcia da: MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 3. ed. Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001.

SILVA, Yasmin Nascimento da Silva, **O uso dos gêneros textuais no processo de alfabetização e letramento no ciclo de alfabetização**. 2017. 72f. Monografia – Universidade Federal Paraíba – João Pessoa – PB, 2017.

TEBEROSKY, Ana. **Psicopedagogia da Língua escrita**. Campinas, SP; Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989.